

Moda cura

Acostumadas a transformar a aparência de muitas mulheres, as consultoras de imagem Valéria Lessa e Lilian Lemos enxergaram um propósito maior para as suas vidas profissionais quando realizaram uma oficina de lenços para mulheres que tinham vencido o câncer em um hospital. “Durante essa oficina, eu senti muito forte no meu coração o quanto esse projeto era incrível e percebi que tínhamos que continuar com isso”, conta Valéria.

Assim nasceu o Moda cura, projeto solidário e aberto à comunidade que visa elevar a autoestima de pacientes oncológicas por meio da moda e da beleza. Além de promover palestras sobre o tema e divulgar conteúdos nas redes sociais, realiza oficinas, nas quais ensinam as mulheres a incrementarem o visual com roupas e acessórios.

Valéria explica que, quando iniciaram o projeto, começaram a estudar as dores e as necessidades das mulheres que passam por esse tratamento e, assim, perceberam os impactos causados na autoestima delas. “O objetivo é

mostrar que elas continuam vivas e que, mesmo em um processo difícil, tenham força de vontade para continuarem se arrumando, usando peças a seu favor, de forma a ir alimentando a autoestima, porque isso, sim, ajudar na cura.”

Na oficina de lenços, por exemplo, as consultoras dão várias dicas de como usar o acessório no cabelo e em outras partes do corpo. Valéria acredita que isso tem uma força maior. “Quando ela passar por esse processo, ela continuará usando aquele lenço na bolsa ou no cinto como uma forma muito simbólica de vitória.”

Além de ajudar as mulheres a realçarem a beleza delas, Valéria resalta que o projeto transforma, a cada dia, a visão que ela tem sobre moda. Se, antes, a moda era vista como sinônimo de perfeição e glamour, agora ela adquiriu um novo sentido para a consultora: “Eu vejo como uma ferramenta de cura interior para nós mulheres, porque o autocuidado e autoconhecimento fazem muito bem. Eu sinto que a moda vai muito além de aparência, envolve o interior. Ao decorrer da minha carreira, percebi que não adianta nada se vestir bem por fora se não se está bem por dentro”.

Arquivo pessoal



As consultoras Lilian Lemos e Valéria Lessa durante uma ação do projeto Moda cura

Arquivo pessoal



Parte das integrantes do grupo Rosas do cerrado: troca de experiências e fortalecimento da autoestima

Rosas do cerrado

Da união entre duas mulheres que passaram pela experiência do câncer nasceu o grupo Rosas do cerrado. A coordenadora do coletivo, Angela Ferreira, enxerga o grupo como um espaço onde as mulheres podem se apoiar e, principalmente, escutar o que querem ouvir. “Por mais que a gente tenha apoio e carinho da família, não é aquele olhar diferenciado, que entende com exatidão tudo o que sentimos. Acharmos importante isso, porque só quem tem o câncer saber como é”, pontua.

Mais do que uma roda de conversa onde as mulheres podem bater papo e interagir, as Rosas do cerrado realizam desfiles para quebrar o estereótipo de que o câncer é “uma sentença de morte que deixa a mulher feia”. Na verdade, alegria e beleza são as palavras adequadas para definir o grupo formado por 47 mulheres

com diagnósticos dos mais diversos tipos de tumor. Para Angela, a cura se baseia nos três pilares: Deus, entes queridos e um bom tratamento.

As Rosas se encontravam uma vez por mês antes da pandemia, em reuniões marcadas por sentimentos de fraternidade e leveza: “Nós, que temos o diagnóstico de câncer, falamos que somos irmãs de alma, que nos conhecemos pelo olhar e pelo gesto. No grupo, a gente tenta melhorar não só a questão de autoestima, mas também levar um sorriso. Os nossos encontros são terapêuticos. Depois de uma roda de conversa, saímos mais leves”.

Aos poucos elas estão retomando os desfiles presenciais. Os corredores da Câmara Legislativa, do Museu Nacional e do Pontão do Lago Sul já serviram de palcos para as Rosas do cerrado esbanjarem a imagem confiante que possuem.